



Ar te-jogo

Fim de Fei rA

*“Recorremos ao arte-jogo intitulado Fim de feira porque acreditamos que tudo o que o ser humano faz é, em última análise, jogo e feira, ou seja, comunicação e disciplina em prol da comunidade.*

*Desse modo, o nosso evento apresenta fatores de prazer, divertimento, humor e crítica do nosso dia a dia: uma ordem livre e espontânea, base de tudo o que nós fazemos para a criação de uma sociedade humanista e criativa.*

*É verdade que a nossa convivência nas grandes cidades, no interior e no campo representa uma grande feira que serve a todos, cuja vida é a arte de fundir o necessário, o indispensável com o agradável e prazeroso; talvez a obra de arte mais difícil e mais importante que o ser humano possa criar..”*

H.-J. Koellreutter

## Considerações preliminares

Quando convidei Koellreutter para realizar um jogo de improvisação integrando o público que estaria presente à apresentação musical que ocorreria no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo, eu havia pensado, num primeiro momento, em adaptar para a ocasião algum dos já "tradicionais" modelos de improvisação criados por ele, como *O palhaço*<sup>6</sup>, que, em minha opinião, apresentava um esquema propício à realização que se pretendia. Embora tenha sido o que efetivamente ocorreu em nosso encontro no MIS o fato é que Koellreutter preferiu criar um jogo especial para aquela data. Dialogamos bastante até definirmos que a feira seria o nosso tema.

A possibilidade de recriar a *paisagem sonora*<sup>7</sup> de uma feira misturando pregões<sup>8</sup> (da cultura popular ou criados pelos participantes)

---

6. O modelo de improvisação *O palhaço* será descrito na parte final do livro.

7. A expressão *paisagem sonora* (do inglês *soundscape*) é utilizada pelo compositor e educador canadense Murray Schafer para se referir a todos os sons, de qualquer procedência, que fazem parte do ambiente sonoro de um determinado lugar.

8. Falado ou cantado, o *pregão* anuncia mercadorias dos vendedores ambulantes ou de feiras.

e outros sons característicos pareceu-nos muito rica e interessante. Koellreutter justificava seu interesse recorrendo à lembrança de uma composição de Frutuoso Viana, para piano, "uma espécie de suíte de pregões que soava de modo muito bonito". Conteí-lhe que, anos atrás, quando ainda trabalhava no Conservatório Musical Brooklin Paulista, eu havia realizado – com um grupo de alunos de musicalização – um trabalho de improvisação cujo tema era a feira: selecionamos alguns pregões e algumas cantigas de cegos<sup>9</sup>, e com base nessa escolha elaboramos um roteiro que integrava vozes, instrumentos musicais e expressão cênica.

Depois disso, em vários e diferentes momentos, a feira foi tema de trabalhos desenvolvidos nos grupos de musicalização da Teca Oficina de Música, com a maioria dos pregões inventados pelas crianças. Por tudo isso o tema nos animou bastante!

Partir da *paisagem sonora* da feira para desenvolver um trabalho cênico-musical aproximou-nos também das propostas de Murray Schafer e John Cage, no sentido da compreensão de *paisagens sonoras* como desafios composicionais que se realizam pela interface da escuta. John Cage propunha uma escuta que torna música aquilo que, por princípio, não é música: os sons do ambiente. No caso específico da feira, os pregões fazem referência direta à tradição musical, transformados, no entanto, em texturas em que se mesclam sons e sentidos de toda espécie.

Nossa tarefa consistiu em recuperar a escuta desse ambiente para, em seguida, recriá-lo, seguindo cânones e padrões que, a todo momento, mesclaram objeto sonoro/objeto musical/ruído/silêncio/configurações/sentidos/tradição/ruptura.

Mas o que poderia acontecer na feira que pretendíamos "montar"? Com que elementos humanos e musicais poderíamos trabalhar de modo a atender os objetivos que devem estar sempre presentes nesse tipo de trabalho?

9. Recolhidos do livro *Abecê do folclore*, de Rossini Tavares de Lima, São Paulo, Ricordi, 1972.

O professor Koellreutter vislumbrou no arte-jogo *Fim de feira* a oportunidade de desenvolver um trabalho – a um só tempo – pedagógico e artístico, considerando também que seria muito interessante integrar música e teatro, ampliando e enriquecendo a proposta inicial. Para tanto, seria necessário dedicar-se ao projeto e não apenas realizá-lo como um *happening*, colocando em prática um de seus princípios pedagógicos fundamentais:

*“Não há nada que precise ser mais planejado do que uma improvisação. Não se pode fazer qualquer coisa, pois isso é nada mais do que vale-tudismo”.*

Acreditando que desenvolver o projeto *Fim de feira* com o professor Koellreutter seria uma experiência significativa, convidei professores, estagiários e alunos da escola (jovens e adultos), além de alguns amigos, para – juntos e com mais tempo – montarmos a nossa feira!

*Fim de feira* propôs uma vivência cênico-musical com base em situações cotidianas: a feira – espaço que integra ordem e caos, relacionamento e comunicação, riqueza de cores, formas, odores, sabores, texturas, movimentos e, obviamente, sons.

Em nosso exercício de criação lembramos a atmosfera própria às muitas feiras presentes não só em nosso dia a dia, mas também em nosso imaginário: os tipos humanos ali encontrados, o comportamento das pessoas que vendem e compram, as situações inusitadas que ocorrem ou podem ocorrer, o ambiente visual e sonoro etc.

Valendo-me de nossas conversas e troca de ideias, delineeí um roteiro básico para servir como fio condutor inicial: no decorrer da feira surgiriam políticos dispostos a discursar. Uma discussão entre eles geraria briga e confusão, envolvendo todos e provocando até mesmo a chegada da polícia.

O trabalho permitiria lidar com questões musicais diversas: a forma, o contraste entre *solo* e *tutti*, entre texturas, timbres, densidades, intensidades, ritmos *métricos* e *não métricos*... A ideia original

pretendia desenvolver a improvisação num plano exclusivamente musical em que o discurso dos políticos, por exemplo, seria realizado unicamente por instrumentos musicais. O que ocorreu, no entanto, foi a integração de linguagens: gestos, sons, movimentos, falas, cores...



*Dado e Edmiriam*



*Gabriel Levy*

## Roteiro inicial do arte-jogo “Fim de feira”

Estamos numa feira livre, de qualquer canto deste imenso país. Misturam-se os que vendem, os que compram, e são muitos os sons que podemos ouvir: pregões, falados ou cantados – para vender cebola, abacaxi, batata, laranja, amendoim e o que mais se quiser! Pedintes, cegos, gente tocando apitos, sinos, buzinas – tudo para vender mais. Na feira, o povo anda, conversa, pergunta, pechincha, sente cheiros, sabores, percebe e escuta.

De repente, uma espécie de “ruído” estranho destaca-se no ambiente sonoro já familiar. Descuidando-se de suas atividades, todos se põem a observar e escutar. É um político astuto, que aproveita a situação para fazer um comício. O povo reage, apoiando ou demonstrando descontentamento. Surge, então, um adversário mais enfático, com um discurso que procura abafar e derrubar as ideias do primeiro político, dando início a uma “pequena confusão”, pois a discussão entre os dois se acalora, ganhando corpo em virtude da manifestação popular crescente, contra ou a favor de um ou de outro.

Chega a polícia com a intenção de acabar com a manifestação e trazer de novo a “ordem”. Alguns manifestantes populares são presos, outros conseguem fugir, e, pouco a pouco, a feira volta ao seu ritmo normal, com seus pregões e cantorias.

Anuncia-se o fim da feira. Aqui ou ali ainda ouve-se alguém cantando...